



DESTAQUE PORTUGAL PEDE AJUDA EXTERNA

# Moody's segue Fitch e corta 'rating' de sete bancos

Agência baixou classificação de sete bancos nacionais, um dia após ter feito o mesmo à da República e de a Fitch ter cortado a notação de seis bancos.

Marta Reis e Luís Leitão  
marta.reis@economico.pt

Os últimos dias têm sido marcados por sucessivos cortes de 'rating', tanto da dívida da República portuguesa como dos bancos nacionais. Depois de, em Março, a Standard & Poor's (S&P) ter sido a agência de notação financeira mais activa, este mês tem assistido a acções por parte das outras duas congéneres. Ontem, a Moody's reviu em baixa o 'rating' de sete bancos portugueses, um dia após ter tomado decisão idêntica sobre a dívida da República e de a Fitch ter igualmente cortado a notação de seis bancos nacionais. Decisões avançadas antes de o Governo ter admitido que irá pedir ajuda externa.

Ao início da manhã de ontem, o comunicado da Moody's anunciava novos cortes no 'rating' da dívida de longo prazo de Banco Santander Totta, BCP, BES, CGD, BPI, Montepio Geral e BPN, um dia depois de ter decidido a notação financeira do país de 'A3' para 'Baal'. As reduções do 'rating' foram feitas em um ou mais níveis.

A Moody's justifica o 'downgrade' à banca nacional por três motivos: um enfraquecimento da força financeira da maioria dos bancos; a robustez financeira do Estado ser hoje mais reduzida, que aumenta a probabilidade do Governo po-

NÍVEL 'JUNK'



Montepio Geral  
Rating 'Ba1'

A Moody's cortou a classificação da dívida de longo prazo do Montepio Geral num nível, de 'Baa3' para 'Ba1', considerando-a de carácter especulativo. A Fitch já a tinha colocado no mesmo patamar um dia antes.



BPN  
Rating 'B1'

A notação da dívida de longo prazo do Banco Português de Negócios (BPN) foi também reduzida, passando de 'Baa3' para o patamar 'junk' pela agência de notação financeira norte-americana Moody's.

der limitar o apoio aos bancos; e ainda o facto de a República estar a enfrentar difíceis escolhas, numa altura em que o ambiente de apoio aos bancos mais pequenos está a enfraquecer por toda a Europa.

No comunicado, a agência norte-americana acrescentava ainda que a descida da notação dos bancos "reflecte a fraqueza do perfil de crédito da maioria dos bancos portugueses" que, na opinião dos seus especialistas, continuam a apresentar "perspectivas negativas, dado o ambiente operacional desafiador em Portugal e uma perda de confiança de mercado que está estritamente correlacionado com os desafios do crédito soberano".

Em termos de cortes do 'rating', a dívida de longo prazo do BES e do BPI passou de 'A2' para 'Baa2', o que representa um corte de três níveis. A notação do BCP foi revista em baixa na mesma proporção, passando de 'A3' para 'Baa3', apenas um nível acima da classificação de 'junk' (carácter especulativo). Já o 'rating' da CGD passou de 'A1' para 'Baal', enquanto o do Santander Totta foi reduzido de 'A3' para 'A1'.

No caso do Montepio o corte do 'rating' foi em um nível, colocando a sua dívida no nível especulativo, usualmente referido também como "lixo", tendo uma notação de 'Ba1'. Com a

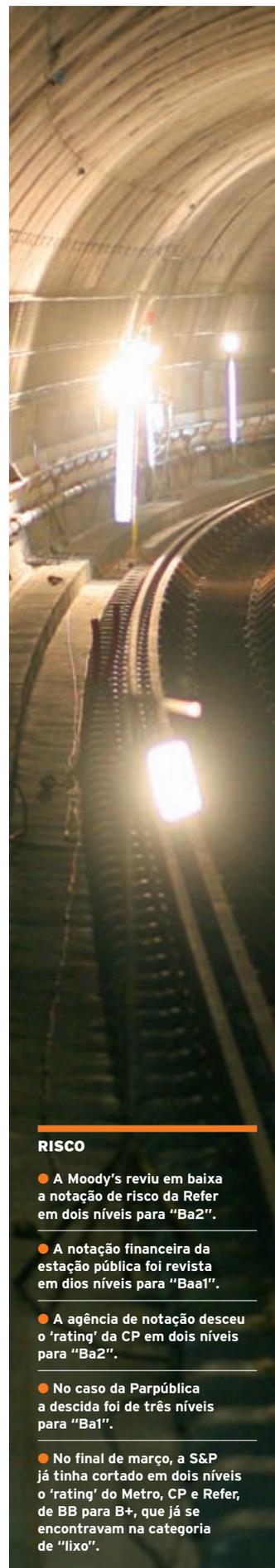
mesma classificação de "lixo" ficam também os títulos de dívida do BPN, que sofreram um 'downgrade' de quatro níveis, passando de 'Baa3' para o actual 'rating' de 'B1'.

A agência de notação reviu ainda as classificações de outros tipos de dívida, como a de curto prazo e a sénior subordinada.

A Moody's revela ainda, no comunicado de ontem, que "as revisões dos 'ratings' do Itau BBA International e do Espírito Santo Financial Groups vão ser concluídas nas próximas semanas em operações de 'rating' separadas, por o 'rating' soberano não ter um impacto directo nestas instituições".

Quanto ao Banif, a agência de notação financeira refere que vai continuar a sua análise ao banco liderado por Marques dos Santos, esperando concluir em breve a sua revisão que está pendente.

Esta acção da Moody's surge um dia depois de a Fitch ter cortado a notação de seis bancos portugueses, colocando dois deles, o Banif e o Montepio Geral, em nível 'junk', assim como o Finibanco, por ter sido comprado pelo banco mutualista. Esta acção, que surgiu também na sequência da revisão em baixa da notação da República na segunda-feira, visou ainda BCP, BPI e CGD, cujo 'rating' ficou em 'BBB-' a um nível de ser considerado especulativo. ■



## Parpública, Refer, RTP e CP já são "lixo"

A Portugal Telecom está desde ontem sob revisão e a Brisa caiu um nível na avaliação da Fitch.

Hermínia Saraiva  
herminia.saraiva@economico.pt

A avaliação do risco da República Portuguesa por parte das agências de 'rating' continua a atingir as empresas públicas. Ontem, e depois de ter revisto em baixa a notação de risco de crédito das obrigações de 'A3' para 'Baal' -, e de cortar na avaliação de sete bancos nacionais, a Moody's baixou o 'rating' da Parpública, Refer, RTP e CP. Já a Portugal Telecom foi colocada revisão para uma possível baixa.

As quatro empresas públicas estão agora no nível considerado "lixo". Ou seja, a Moody's está a dizer aos mercados que os investimentos neste tipo de activos não são seguros, o que tor-

na particularmente difícil a angariação de crédito por parte das empresas.

No caso da RTP, Parpública, CP e Refer, a agência explica que o corte do 'rating' acontece numa altura em que o financiamento do Estado e da banca está mais difícil devido aos vários cortes de notação de risco que se têm sucedido nos últimos dias.

"A descida do 'rating' da RTP decorre da descida do 'rating' da República e da fragilidade da estrutura financeira da empresa, que continua a ter capitais próprios negativos, apesar de, em 2010, o valor da dívida bancária ter descido 116,7 milhões de euros", explicou ao Diário Económico fonte oficial da RTP. A estação pública considera ainda que, "neste contexto de grave crise financeira do Estado, a sustentabilidade económica alcançada e a contínua melhoria no endividamento da

empresa, não [são] suficientes".

Já no final de Março, a Standard & Poor's (S&P) tinha cortado em dois níveis o 'rating' do Metro, CP e Refer, de BB para B+, que já se encontravam na categoria de "lixo".

Fitch corta 'rating' da Brisa

As revisões de notação financeira estão também a chegar ao sector privado, com a Fitch a rever em baixa a notação da Brisa. O 'rating' da concessionária passou de 'A-' para 'BBB+', com manutenção de perspectivas negativas.



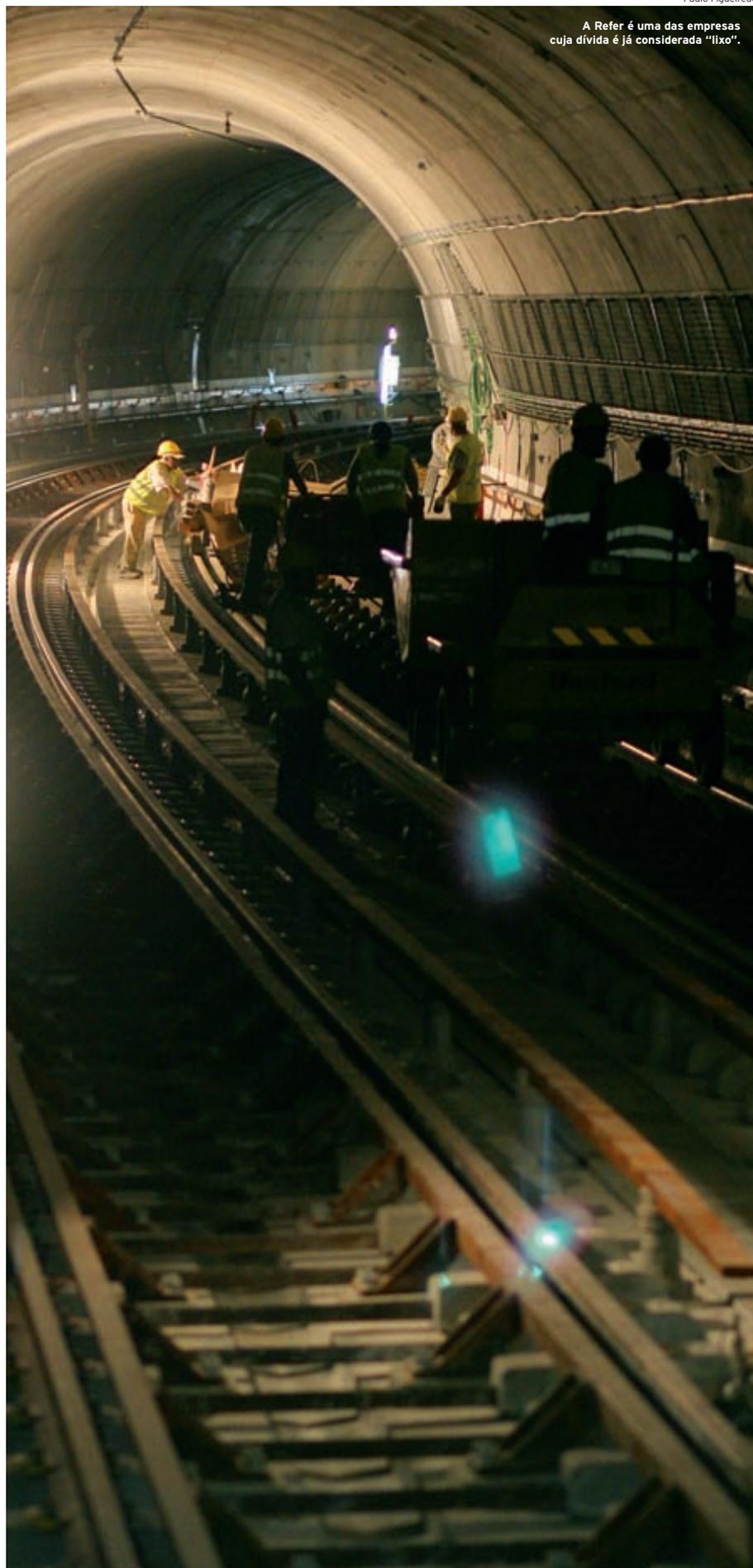
Joaquim Reis, presidente da Parpública, viu ontem o 'rating' da empresa ser revisto pela Moody's para 'Ba1' com uma queda de três níveis.

A agência de 'rating' explica a revisão em baixa com a descida da notação do sector financeiro. No início da semana a Fitch cortou o 'rating' a seis bancos portugueses o que leva, segundo a agência, à deterioração do perfil de liquidez no curto prazo da Brisa. Ainda de acordo com a agência, o financiamento da concessionária será afectado pela "percepção de pressão continuada, se não intensificada, sobre o financiamento e a liquidez no sistema bancário como resultado da descida soberana".

Já a Portugal Telecom foi colocada sob revisão. A notação de 'Baa2' pode assim vir a ser revista em baixa, com a Moody's a olhar para a performance da operadora, questionando de que forma a mesma pode vir a ser afectada pela quebra do consumo depois das medidas de austeridade impostas pelo Governo. ■ com R.V.

RISCO

- A Moody's reviu em baixa a notação de risco da Refer em dois níveis para "Ba2".
- A notação financeira da estação pública foi revista em dois níveis para "Baal".
- A agência de notação desceu o 'rating' da CP em dois níveis para "Ba2".
- No caso da Parpública a descida foi de três níveis para "Ba1".
- No final de março, a S&P já tinha cortado em dois níveis o 'rating' do Metro, CP e Refer, de BB para B+, que já se encontravam na categoria de "lixo".



Paulo Figueiredo

A Refer é uma das empresas cuja dívida é já considerada "fixa".

## Empresas já estão a pagar crédito mais caro

**O corte no 'rating' da República obriga empresas a financiarem-se a preços mais elevados.**

**Elisabete Felismino e Sónia Santos Pereira**  
elisabete.felismino@economico.pt

As sucessivas descidas na notação da República efectuadas pelas diversas agências de 'rating' já estão a agravar o financiamento de todas as empresas portuguesas.

A situação é fácil de explicar. As agências de 'rating' descem a notação da República e os bancos, tal como as empresas públicas e outras, dado o seu grau de exposição ao Estado também são arrastadas no 'downgrade'. Confrontados com um 'rating' mais baixo, os bancos têm que pagar mais caro para se financiar e obrigatoriamente repassam esse custo para os seus clientes.

Jorge Armindo, presidente da Amorim Turismo, adiantou ao Diário Económico que "em contratos novos, os bancos começam a introduzir cláusulas dando conta de que os aspectos contratuais podem ser modificados em virtude das alterações do mercado". Ora, a alteração do 'rating' da República acaba por ser uma dessas alterações de mercado.

Apesar de reconhecer este aspecto, Jorge Armindo diz que, "a Amorim Turismo, ainda não sente este problema".

Opinião idêntica tem Jorge Martins, presidente executivo da Martifer: "É evidente que os bancos se estão a precaver com a cláusula da alteração das condições de mercado no que se refere aos contratos de financiamento, sobretudo aos de muito longo prazo". E acrescenta: "No caso da Martifer e porque temos uma dívida corporativa ainda não estamos a sentir muito esse efeito". Jorge Martins diz ainda que "só quem trabalha com taxas fixas, que é uma franja mínima, é que está a salvo destas situações".

O presidente da Opway diz desconhecer a situação, mas reconhece que "os bancos têm que se defender".

A Sonae Indústria não tem qualquer empréstimo bancário com indexação ao 'rating' da República, disse fonte oficial. No entanto, a empresa reconhece que há contratos de empréstimos bancários onde existe essa cláusula.

O sector português do calçado, cujo tecido empresarial é dominado por pequenas e médias empresas, sente que a banca "apertou o acesso ao crédito, que há limitações" para que sejam concedidos empréstimos, diz fonte oficial da APICCAPS (associação do sector). Mas desconhece que haja empresas em dificuldades por terem empréstimos bancários indexados ao 'rating' da República. "Há difi-

culdade de acesso ao crédito, mas não temos conhecimento que hajam outras situações" relacionadas com a banca, frisou.

**Empresas públicas são mais afectadas**

Os efeitos de contágio são bem conhecidos entre os empresários. Para além dos cortes de 'rating' ao nível da banca e das empresas os gestores alertam também para a revisão em baixa das acções portuguesas. Outro aspecto que merece especial atenção é o papel das empresas públicas e que têm vindo a financiar-se com o aval do Estado. Quem também pode estar a sentir o efeito de uma forma mais severa são as empresas que tenham estabelecido Parcerias Público-Privadas e que de alguma forma tenham recebido financiamento através das garantias do Estado.

Conceição Cabaço, associada sénior da sociedade PLMJ diz que "existe aqui, de facto, um efeito bola de neve com a descida do 'rating' da República, o 'rating' dos bancos desce também até porque muitas vezes tem no seu balanço títulos de dívida pública, mas os bancos continuam e vão continuar a dar crédito, até porque se as empresas forem boas isso ajuda o próprio 'rating' do banco". E acrescenta: "Se as empresas forem cumpridoras não podem fazer alterações de 'spreads', podem é fazê-lo caso existam reestruturação de dívida". ■



**Jorge Armindo, presidente da Amorim Turismo diz que "os bancos podem modificar os contratos em virtude das alterações de mercado".**



**Jorge Martins, presidente da Martifer diz que "porque temos uma dívida corporativa ainda não estamos a sentir muito esse efeito".**